

Um olhar sobre a obra de Milton Santos

David Alejandro Sepúlveda Vélez*

**Zootecnista, Doutorando no Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília (UnB) E-mail: dasvelez82@yahoo.com.br*

Recebido em 12.02.2014
Aceito em 03.03.2015

RESENHA

Antônio C. R Moraes. Território na Geografia de Milton Santos. São Paulo: Annablume, 2013. 130 p. ISBN: 798-85-391-0526-7

Antônio Carlos Robert Moraes é um geógrafo brasileiro que publicou vários livros na área da geografia histórica e política. Tem doutorado em geografia humana pela Universidade de São Paulo (USP). É professor titular do Departamento de Geografia da USP e coordenador do Laboratório de Geografia Política. Ministrou cursos em várias universidades do país e do exterior, entre elas a Universidad de Buenos Aires (Argentina), a Universidad Autónoma do México - Unam (México), Universidad Nacional (Colômbia), e Universidad de Cadiz (Espanha). Entre os seus livros publicados destacam-se: Bases da formação territorial do Brasil (2011), Território e História no Brasil (2005) e Ideologias Geográficas (2005).

O livro aqui resenhado nasceu como uma homenagem ao geógrafo Milton Santos (1926-2001), que foi professor e membro de da banca de doutorado de Moraes. Trata-se de uma análise da evolução do conceito de território – entre muitos outros conceitos - presentes na obra de Santos. O autor, além de ser um dos geógrafos brasileiros mais produtivos e de maior destaque, é um profundo conhecedor da obra e do pensamento do seu ex-professor, o que o credencia para escrever sobre o assunto.

O volume é dividido em três partes. A primeira é intitulada “O uso do território na teoria da geografia de Milton Santos: uma leitura ‘internalista’ e alguns comentários metodológicos”. Em 96 páginas aborda o tema central do livro, ou seja, o uso do conceito de território na obra de Milton Santos. A segunda parte, é uma análise específica sobre o artigo “O retorno do território”, publicado em 1994, como introdução à coletânea Território, globalização e fragmentação. A terceira parte apresenta alguns exemplos de possíveis usos dos conceitos e das proposições examinados.

O mais importante argumento ou objetivo do livro é analisar a evolução e as influências mais fortes no pensamento do grande geógrafo e pensador brasileiro. Moraes trata das suas relações

com o marxismo e com a escola francesa de geografia e da sua aproximação com a fenomenologia. Um aspecto a ressaltar é que, devido à fértil teoria da geografia de Santos e à multiplicidade de conceitos por ele interpretados, Moraes não se limita a analisar o conceito de território. Discute outros conceitos importantes, como região, integração territorial, espaço, globalização, territorialidade, entre muitos outros utilizados durante o processo de formação e consolidação do pensamento de Santos.

Na primeira parte do livro, Moraes nos introduz, por meio de uma análise profunda, à obra de Santos. Examina as obras dele, que remontam à década de 1940, assinalando as evidentes influências da escola francesa. Nessas primeiras obras, o termo território é empregado poucas vezes. Nas obras da década de 2000, influenciadas por “um novo encantamento do mundo (ancorado no culto da tecnologia e na fascinação em face de novos objetos técnicos)” (p. 98), Santos redefine o conceito de território, que ganha força em seus escritos, pois está presente em de múltiplas análises. Termos como território usado, financeirização do território, desterritorialização e configuração territorial são reformulados ou adotados e ganham novos significados. Moraes identifica e explica esse anacronismo, afirmando que “as vivências biográficas atuam fortemente sobre o pensamento de qualquer intelectual sério...” (p. 10). Esse anacronismo se torna um problema “grave, pois trata-se de um autor que repensou várias vezes seus posicionamentos... que não tinha temor em se reformular” (p. 10).

A evolução do conceito território é evidente desde os primeiros livros analisados, tais como *A cidade nos países desenvolvidos* (1965); *Les villes du tiers monde* (1971), *A Urbanização Desigual* (1979); *Geografia y Economía Urbanas en los países Subdesarrollados* (1973). Neles o termo território “aparece como mera referência de extensão ou de delimitação administrativa e a cidade é concebida como instrumento de uma política de organização do território” (p. 16). Ao invés disso, o termo região é empregado “como referência espacial e escala básica” (p. 20).

Em livros posteriores, como *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo* (1971); *O espaço dividido* (1973); *Por uma geografia nova* (1978); e *Espaço e método* (1985), escritos entre 1970 e 1985, Santos se refere ao território como “Estados” ou como “espaços nacionais” que podem ser interpretados com uma clara determinação política. Embora o território denote um sentido claramente político, começa a aparecer na sua visão como uma nova concepção do conceito – “território como materialidade” (p. 52). Essa nova concepção é usada para dar a conotação de lugar - “Os territórios referem-se a Estados e a espaços nacionais ... eles [os territórios] correspondem às materialidades terrestres disponibilizadas para as sociedades territoriais que neles estabelecem estruturas socioeconômicas nacionais” (p. 46). É importante ressaltar que o conceito de região, utilizado em publicações anteriores de Santos, é substituído pelo conceito de espaço, ligado diretamente ao conceito de território. Santos define o espaço como “o resultado de um certo uso do território pela sociedade. Basta que esta mude para que o espaço também mude” (p. 53).

Em livros posteriores, muito importantes para o objetivo de Moraes, o conceito de território emerge com grande centralidade na estruturação do argumento apresentado. Moraes examina livros como *O espaço do cidadão* (1987); *A Urbanização Brasileira* (1993); *Por uma economia política da cidade* (1994) e outros escritos no último período de vida do geógrafo. Neles Santos associa o território a um novo conceito que desenvolve nestas últimas obras - a cidadania. Este novo conceito é associado ao lugar onde os humanos estão, ao que eles fazem e ao que eles produzem. Santos relaciona estas situações sociais – pessoas e atividades - ao seu valor, que está relacionado diretamente “com sua localização no território” (p. 61), ou ao “ponto do território onde se está... num território onde a localização dos serviços essenciais é deixada à mercê da lei de mercado... [colaborando] para que as desigualdades sociais aumentem” (p. 61).

Moraes analisa também a ligação entre o território e o capital, referenciados nestes últimos

livros, o que revela uma forte apropriação da teoria marxista por parte de Santos. Santos denomina essa associação de “financeirização do território” (p. 83), na qual “as firmas hegemônicas... comandam o território com o apoio do Estado... legitimadas pela ideologia do crescimento... o que acentua uma espécie de segmentação do mercado, uma vez que os diversos agentes sociais e econômicos não utilizam o território de forma igual... o território, pela sua organização, constitui-se num instrumento dessas diferenças de poder... na qual os atores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território ... jogando um papel fundamental na dinâmica da contemporaneidade” (p. 73-74, 102-103).

A última obra analisada por Moraes nesta primeira parte do livro é o livro *O Brasil - Território e sociedade no início do século XXI* (2000). Santos descreve uma nova associação do território com um novo termo “globalização”. Nessa associação “o território ganha novos conteúdos ... [há] grandes mudanças em função dos acréscimos técnicos que renovam sua materialidade”. Cabe destacar que, numa análise metodológica do trajeto de Santos, destaca-se a importância cada vez maior do conceito de “território”, a evolução do conceito ao longo da sua obra, e a incorporação de novos conceitos ao tema que nos interessa.

A segunda parte do livro – que não aporta muito à discussão – se resume à análise de um artigo publicado por Santos, intitulado “O retorno do território”. Moraes afirma que esse artigo é “a consolidação desse conceito no centro de sua teoria da geografia” (p. 111). Trata-se mais de uma síntese ou uma conclusão geral do livro de Moraes que, embora esclareça o conceito, não agrega muito ao objetivo central do livro, já que a análise profunda do conceito é feita no capítulo central.

A última parte do livro de Moraes, mesmo sendo a menos extensa, contém uma discussão interessante sobre um conceito que aparece nos últimos trabalhos de Santos - território usado. A distinção entre território (enquanto materialidade) e o seu uso (uma relação sociedade - espaço) é esclarecida por Moraes nesta última parte, explicitando em termos epistemológicos o “território e território usado”.

Em suma, o livro de Moraes tem o potencial de se tornar uma ferramenta muito útil na compreensão da vasta e às vezes confusa obra de Milton Santos. O seu uso nos campos da geografia, nas ciências sociais e ciências ambientais é essencial para o entendimento das relações entre os humanos, o espaço e a natureza, das relações econômicas entre estes atores e o estado e o capital hegemônico das grandes firmas, e da ligação dos atores com o território - visto como materialidade ou como território usado.

Em suma, o livro aqui resenhado permite ao leitor entender a evolução dos conceitos presentes na obra de Milton Santos. É uma ferramenta para o entendimento do pensamento do geógrafo e professor, que durante a sua carreira interpretou e reinterpreto muitos conceitos analisados – de forma muito explícita – por Moraes.